



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

**LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

**LUCAS MATOS FERREIRA**

**(Tinguí Pataxó)**

**PLATAFORMA TINGUÍ: Uma ferramenta facilitadora que auxilie nas pesquisas de percursos realizados por indígenas graduados no curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas)**

**Belo Horizonte - MG**

**2022**

**LUCAS MATOS FERREIRA**

**(Tinguí Pataxó)**

**PLATAFORMA TINGUÍ: Uma ferramenta facilitadora que auxilie nas pesquisas de percursos realizados por indígenas graduados no curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas)**

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG), como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Orientadora: Virgínia Fernandes Mota

**Belo Horizonte – MG**

**2022**

*Dedico esse trabalho a toda minha família e meus parentes de outras aldeias, a todo meu povo Pataxó, a todos os povos indígenas, a todos os meus professores indígenas e não indígenas, enfim, a todos os pesquisadores interessados nas temáticas indígenas.*

## **AGRADECIMENTOS**

Eu quero agradecer primeiramente ao nosso grandioso espírito criador Niamisũ, todas as forças encantadas e meus Naô's que me concedeu a vida e a graça de estarmos hoje com força, vida, saúde, conhecimento, e por ser perseverante na realização deste trabalho.

Agradeço imensamente aos meus pais que sempre foram espelhos para minha vida de luta e me apóiam sempre em todas as iniciativas relacionadas à academia. Sendo específico ao meu pai, ele sempre foi a minha referência de liderança masculina, um grande amigo, apoiador e incentivador dos meus sonhos, comemorador das minhas conquistas (que também são as suas) e sempre presente em minha caminhada de inúmeras formas. Também partilho da especificidade da minha mãe, ela que em toda sua vida foi uma verdadeira guerreira, grande liderança feminina, que nunca me deixou faltar nada em casa, principalmente o diálogo, o carinho e as orientações mais técnicas da vida e no movimento. Enfim, com toda a certeza se não fossem por eles eu não estaria aqui passando por mais essa etapa da minha vida.

Quero agradecer a minha ex-esposa, que desde quando éramos somente amigos já me apoiava em minhas decisões e me aconselhava bastante, e assim que casamos já fomos passar a lua de mel em Minas Gerais estudando, já era certo que essa ligação nossa com a faculdade seria forte. Foi a que esteve a todo instante do meu lado nesses 4 anos de curso, que compartilhei dos meus momentos bons e ruins, dentro e fora do FIEI, e foi minha base forte durante esse período, infelizmente por motivos maiores não estamos juntos mais.

Agradeço imensamente a meus irmãos, a Luzenilda (conhecida como Nega) e o Nicácio (conhecido como Munhum), foram grandes mestres e incentivadores para meu processo de aprendizado, tomaram conta de mim quando criança para meus pais trabalharem, então foi com eles que eu trocava experiência quando me preparava para enfrentar o mundo dos grandes desafios. Um dos destaques do meu irmão, é que foi ele que me ensinou a nossa língua materna dentro de casa e várias brincadeiras tradicionais.

Agradeço a todos meus familiares, que foram minha base, meus primeiros amigos, meus incentivadores e admiradores. Eles me ensinavam, me corrigiam e me direcionavam, assim me ajudando na minha formação pessoal como cidadão. Muito obrigado meus tios e tias, meus avôs e avós, meus primos e primas.

Agradeço a todos meus professores indígenas, não indígenas, e demais pessoas que fizeram papel de educadores em minha trajetória, vocês foram muito importantes para mim e tem grande parte nessa minha caminhada. Em especial agradeço a todos professores do FIEI, os quais tivemos momentos diversos não só de partilhas de conhecimentos mas também como luta pelo movimento indígena.

Estendo meus agradecimentos à professora orientadora Virgínia, que teve o interesse e a disposição de estar me orientando e direcionando para que esse trabalho tivesse êxito, e também aos estagiários Henrique e Pedro, que tiveram grande contribuição para a realização desse percurso.

Agradeço a todos meus amigos, amigas, companheiros, companheiras, irmãos e irmãs de caminhada, que sempre me incentivaram e me deram inspiração para que eu desse um retorno para nosso povo, em alguns momentos me fortaleceram com palavras de apoio, de respeito e de admiração.

Agradeço a toda a minha comunidade de Coroa Vermelha, pois foi o meu berço de luta, onde fui uma semente por um longo tempo e hoje estou começando a crescer para dar bons frutos para minha aldeia, a todos meu muito obrigado.

Agradeço a todos os mais velhos, anciões, as lideranças da minha aldeia na pessoa do meu avô, o Pajé Itambé, que para mim foi a maior liderança que já conheci durante a minha vida, um dos principais personagens na demarcação do TI Coroa Vermelha, sendo também o primeiro cacique da aldeia.

Agradeço ao Colégio Estadual Indígena, por me formar na prática como um educador indígena em minha comunidade, tanto ao corpo escolar, meus colegas de trabalho quanto aos estudantes, que são grandes pérolas, diamantes que passam por nossas vidas e que de alguma forma contribuimos para sua modelação profissional e na vida pessoal, porque a educação escolar indígena tem esse diferencial, de ser comunitária também.

Agradeço ao meu tio Ademário, que por falar em educação escolar indígena, foi um dos grandes nomes dessa luta tanto para nossa comunidade quanto para o povo Pataxó. O seu trabalho sempre foi inspirador, e em um momento complicado de minha vida ele quem apostou em mim para fazer um teste em sala de aula, onde tive minhas maiores experiências profissionais e educacionais, e estarei até quando nosso Niamisũ permitir.

E agradeço imensamente a todos meus entrevistados que contribuíram grandemente para a realização desse projeto. Ubiraci Pataxó, Railson Braz, Professora Shirley Miranda e todas as pessoas que responderam o questionário deixando suas contribuições.

## RESUMO

A partir de relatos de professores e investigadores indígenas e não indígenas, observamos diversas dificuldades nas suas procuras por trabalhos de pesquisa realizados por indígenas sobre temáticas específicas referentes aos seus povos. Este texto apresenta uma iniciativa que nasce como trabalho de finalização de curso de um indígena Pataxó da aldeia de Coroa Vermelha. Esta iniciativa se concentrou na criação de uma plataforma que funciona como um repositório virtual dos percursos realizados por indígenas graduados no curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. A PLATAFORMA TINGUÍ se configura como uma alternativa para auxiliar pesquisadores indígenas e não indígenas, assim como professores e estudantes indígenas, pois facilita acessar os produtos finais dos graduandos, difundirem conhecimentos e contribuir com a diminuição das dificuldades por eles relatadas.

**Palavras-chaves:** Tinguí; repositório; pesquisa indígena; percursos indígenas; TCC's indígenas; FIEI.

## IÕ DXÁ'Á PETÕI UÍTÃI AKUÊG (RESUMO)

.IË NITXUKÉ ŪPÚ AMIXATÊ ŪPÚ IPAKÂYÉ'PŪG IMAKÂYÉ'P TXIHIHÃY ŪG ÃHÕ  
TXIHIHÃY ,HÕTEHÕ DXÊ'Ã NITXÍ IKEK'RÕ AKUÊG UÏP TÂYPÂK KOHAYRÃH'XÓ  
IKÕ AKUÊG ŪPÚ MAROXÍ'TXË PATXITXÁ'TXË IKÕ TXIHIHÃY ÃKGARÉ KOHTÚ  
TXÉÃ ITSÃ'P NŪGÃ HÃHÃHÃY

.IKÃTÃY AMIXATÊ ÃTXOË HÃTÕ IHÁBNKÁ'WATÁ DXÁ'Á SONARÚ'XÓ AHÕHÊ  
AKUÊG ŪPÚ APIBA'WÃY ŪPÚ MAROXÍ'TXËŪPÚ NIÕNIEMÃ TXIHIHÃY PATAXÓ  
ŪPÂ PATAXÍ ŪPÚ AKTXURÁ EOATÓ IË IHÁBNKÁ'WATÁ ÁHÊ MUKÁ'Ã UÏ  
HÃYTXATÊ ŪPÚ HÃTÕ KARADORÍ DXÁ'Á AKUÊG'XÓ AHÕHÊ NIÕNIEMÃ  
ANIÃGHÃ TXIHIY ŪPÚ PATXÉKAHAB TXÓP TRIOKÁ'NIG PATXITXÁ'TXË IKÕ  
TXIHIHÃY NIOMAKÃHÍ/ MAROXÍ'TXË PÂX MAROXÍ'XÓ ŪPÚ MÕDXÊ'WATÁ  
HŪNITXIPAKHÊ DXAHÁ IPAKÂYÉ'P TXIHIHÃY (FIEI) ŪPÂ KIJËTXAWÊ ŪPÚ  
ARUPÃB ŪPÂ TAPETEP TXÓ HÃHÃW'PUÁ ŪPÚ MINAS GERAIS .IË KARADORÍ  
TÍGUÍ ÁHÊ MÕDXÊ AHÕHÊ HÃTÕ TRIOKÁ'XÓ DXAHÁ JIRÁP IPAKÂYÉ'P  
TXIHIHÃY ŪG ÍDXIHÍ ,IËHÃ AHÕHÊ IPAKÂYÉ'P ŪG ARIPOTXÊ'P TXIHIHÃY  
,IAKATÃ JIRÁP MEHEXÓ'RE TAPURITÚ ÃKUPA IÕP TUPAXI ABIBA TXÓP  
ARIPOTXÊ ,IHUY ÊTXAWENUK ŪG JIRÁP HŪ IË PETÕI'RE TXAXÓ ŪPÂ'P  
TXAGWARÍ IKÕ TOPEHÊP ARENEÁ'Ã

**.KOHTÚ'P-APERENÃ'WÃY:** TINGUÍANIÃGHÃ; MAROXÍ'TXË TXIHIHÃY  
;TRIOKÁ'XÓ TXIHIHÃY ;TCC's TXIHIHÃY ;FIEI

## **ABSTRACT**

Based on reports by indigenous and non-indigenous teachers and researchers, we observed several difficulties in their research for work carried out by indigenous people on specific topics related to their peoples. This work presents an initiative that was born as a final course work of a Pataxó indigenous from the village of Coroa Vermelha. This initiative focused on the creation of a platform that works as a virtual repository for works by indigenous graduates of Intercultural Training for Indigenous Educators (FIEI) at the Federal University of Minas Gerais. The TINGUÍ PLATFORM is configured as an alternative for research to assist indigenous and non-indigenous people, as well as indigenous professors and students, as it facilitates access to undergraduate students' final projects, disseminate knowledge and contribute to mitigate the difficulties related by them.

**Keywords:** Tinguí; repository; Indigenous research; Indigenous paths; Indigenous final projects; FIEI.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Semente de Tinguí .....	29
Tabela 1 – Roteiro e cronograma de atividades .....	31
Figura 2 – Gráfico referente à pergunta 1 do formulário .....	33
Figura 3 – Gráfico referente à pergunta 2 do formulário .....	33
Figura 4 – Gráfico referente à pergunta 3 do formulário .....	34
Figura 5 – Início do site com foco na saudação .....	36
Figura 6 – Início do site com foco no Sobre e Saiba Mais .....	37
Figura 7 – Início do site com foco na Barra de Pesquisa .....	37
Figura 8 – Início do site com foco no Acervo .....	38
Figura 9 – Acervo do site Portal Tinguí .....	38
Figura 10 – Imagem do espaço para inscrição no site .....	38

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 JUSTIFICATIVA	14
1.2 OBJETIVOS	15
Objetivo Geral	15
Objetivos Específicos	16
1.3 PÚBLICO-ALVO	16
Docentes e discentes indígenas	16
Estudantes indígenas	16
1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	16
<b>2. MINHA TRAJETÓRIA</b>	<b>17</b>
2.1 FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas)	17
2.2 QUEM É TINGUÍ PATAXÓ?	22
<b>3. O PORTAL TINGUÍ</b>	<b>28</b>
3.1 O CAMINHO PERCORRIDO: METODOLOGIA	29
3.1.1 FORMULÁRIO DE CONSULTA AOS ESTUDANTES	32
3.2 DESENVOLVIMENTO	35
3.2.1 TECNOLOGIAS UTILIZADAS	35
3.2.2 DESIGN E LAYOUT	35
3.2.3 PÁGINAS DO PORTAL	36
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>40</b>
<b>5. REFERÊNCIAS</b>	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os povos indígenas em sua essência têm como tradição a transmissão de conhecimentos coletivos, culturais, subsistentes, familiares, éticos e morais por meio da oralidade e das ações práticas (LOUREIRO, PESSOA e BRITO, 2017). Com o passar do tempo foram aprendendo a lidar com a teoria e com a “massacrante” escrita, juntamente ao pensamento antiquado de valorização dos saberes ocidentais sobre qualquer outro.

Esse sentimento de “soberania” é conceito também identificado no contexto universitário pelas autoras Paula Drummond de Castro e Luanne Caires, respaldadas também na citação de um grande mestre indígena, em um artigo da revista ComCiência, com o tema “Encontros e desencontros: como os conhecimentos indígena e tradicional interagem com o meio universitário” (CASTRO e CAIRES, 2017).

“Afora como provedoras de conhecimento, as vozes indígenas e de povos tradicionais têm entrado nas universidades de modo contingente e condicional. Os cumprimentos das noções científicas de rigor e método continuam a ser requisitos implícitos na maioria das circunstâncias. Por essa razão, os conhecimentos tradicionais e indígenas foram tratados à parte das instituições acadêmicas. “Historicamente, o conhecimento científico veio para sobrepôr e anular os conhecimentos indígenas”, afirma Edson Kaiapó, doutor em história da educação e um dos poucos professores indígenas do Instituto Federal da Bahia.”

Mas antes de começarem a dominar a ferramenta da escrita muitos ensinamentos e conhecimentos tradicionais indígenas não foram registrados fisicamente e por isso mais uma vez a visão da civilização ocidental sobressai sobre a visão tradicional dos povos indígenas, assim compartilham as professoras Raimunda M. das D.S. Loureiro, Adriana Pessoa e Ilza Brito em um projeto de intervenção didática elaborado durante a 69ª Reunião Anual da SBPC - UFMG - Belo Horizonte/MG (LOUREIRO, PESSOA e BRITO, 2017).

“Durante quase cinco séculos, os saberes e fazeres dos povos originários ficaram desconhecidos, silenciados, recusados, suprimidos e desdenhados pelos poderes instituídos dentro da nação, e as escolas serviam de instrumentos para justificar o extermínio físico e cultural. O interesse na escuta é algo próprio da aprendizagem, afirmando a confiança na capacidade de conhecer, pensar sobre as decisões tomadas é algo estimulado entre os mais velhos e os mais novos. Segundo (BERGAMASCHI, 2012, P. 129). Partindo do conhecimento e da sua transmissão nas culturas indígenas, podemos identificar um ato de leitura do mundo que se construiu e se constrói por meios dos tempos, constituindo suas cosmovisões que se distinguem da concepção elaborada pela civilização ocidental.”

Por meio desse histórico fomos forçados a herdar o hábito de buscar mais fontes escritas que orais, e nesse processo muitos indígenas, até hoje, sentem dificuldade ao acessar a plataformas que, além do mais, são pouco dinâmicas e atrativas (CASTRO e CAIRES, 2017). Assim, cheguei ao pensamento de que era preciso uma plataforma mais adequada na qual pudesse se apresentar a informação de forma mais eficiente para um pesquisador indígena, ainda que, essa plataforma pudesse ser usada por não indígenas.

Esta ferramenta que foi idealizada, planejada e elaborada durante o percurso, dá ênfase na facilidade de acesso a temas e trabalhos de conclusão de curso desenvolvidos e apresentados desde 2009 até 2020 na Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), e assim permitir o acesso a informações provenientes da cultura ancestral dos povos originários brasileiros.

É claramente notável que temos muitos trabalhos de importância indescritível para as diversas realidades indígenas no Brasil, mas que não estão no conhecimento de todos e muitas vezes até mesmo das comunidades escolares de cada povo. Nas escolas indígenas ainda há uma grande necessidade de inserção de obras literárias dos parentes e de uma maior presença dos autores indígenas compondo as fontes de referência nas matrizes curriculares, e tendo o acesso a uma plataforma mais adequada já contribui bastante na realização de pesquisas e, até mesmo, nessas ações pedagógicas dos professores em seus próprios territórios,

estimulando o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos acadêmicos.

Em 2020 entrevistei algumas pessoas que são referências em minha aldeia sobre a sugestão da ferramenta e do meu percurso como um todo, e obtive algumas respostas interessantes e muito relevantes para mim. Um deles foi o mestre na arte do cuidado, educador, filho e aprendiz de pajé, o Ubiraci Pataxó:

“Na minha opinião [...] é muito benéfico, de extrema importância... Mas dado a nossa ideia de a gente querer entrar na universidade e a gente ter pouca referência de estudo, a gente tem que estudar *os caras de fora* pra referenciar nos nossos trabalhos, a ideia dos trabalhos acadêmicos numa plataforma seria muito mais relevante ainda pra ajudar os parentes que estão ingressando na universidade agora.”

O outro entrevistado foi o atual diretor do Colégio Estadual Indígena de Coroa Vermelha, militante no movimento da educação escolar indígena, o Railson Braz Pataxó.

“Eu acho fundamental, de suma importância [...] É importante mesmo pensar nessa organização e facilitar esse acesso de todos às informações aí, temos muitos trabalhos, muitos TCC's tops aí.”

E foram essas falas e outras que alimentaram e motivaram o meu sentimento de contribuição para os povos indígenas com o meu projeto de pesquisa e ação.

## **1.1 JUSTIFICATIVA**

A escolha por esse tema “PLATAFORMA TINGUÍ: Uma ferramenta facilitadora que auxilie nas pesquisas de percursos realizados por indígenas graduados no curso FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas)” aconteceu já no primeiro módulo da minha turma (Matemática) ingressos em 2018, na segunda semana de outubro no momento em que a turma de Matemática anterior dos anos 2014-2018 estava apresentando seus percursos e na mesma semana aconteceria a formatura dos futuros docentes.

Muito entusiasmado e contemplado com os temas de grande relevância e cada um com sua importância particular para a comunidade indígena, não pude

hesitar em já pensar no meu percurso, pretendendo captar o máximo de informações ao longo do seminário de apresentações dos Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs) desses estudantes.

A maior inquietação de minha parte foi em saber que trabalhos riquíssimos como aqueles nem todos os alunos e professores das escolas indígenas teriam a oportunidade de ter acesso, muito menos com facilidade e qualidade. Eu fiquei abismado porque eu mesmo não tive acesso aos trabalhos feitos antes pelos parentes do meu próprio povo e da minha aldeia, antes de ir à UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).

Durante uma atividade coletiva em sala de aula juntamente com os discentes veteranos, a ideia surgiu: de ter uma plataforma que fosse de acesso a comunidade escolar, na qual se encontraria armazenados todos os trabalhos de percurso feitos por estudantes do programa FIEI disponíveis para serem fontes de pesquisas. Essa plataforma seria de acesso pela internet e poderia ser atualizada sempre que tivesse novas contribuições. Todos gostaram e aprovaram a ideia com muito entusiasmo.

Mesmo depois de conhecer a biblioteca virtual da FaE (Faculdade de Educação)<sup>1</sup>, eu vi que precisava de algo mais específico, mais com a “cara” dos estudantes indígenas. Por isso resolvi abdicar de qualquer outro trabalho de meu interesse para que os outros trabalhos fossem vistos e acessados com maior facilidade. Essa foi a minha motivação para adotar esse assunto como tema de percurso.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

O objetivo geral que buscamos alcançar com esse trabalho é facilitar o acesso a pesquisas realizadas por indígenas que passaram pelo curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI) da Faculdade de Educação (FaE), localizada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://www.fae.ufmg.br/biblioteca/recursos-online/monografias-do-fiei/>

## **Objetivos Específicos**

- Identificar e descrever os problemas no acesso a pesquisas realizadas por povos indígenas.
- Realizar um levantamento das pesquisas realizadas por estudantes do FIEI-UFMG.
- Criar uma ferramenta digital que auxilia nas pesquisas dos percursos dos estudantes do curso FIEI.

### **1.3 PÚBLICO-ALVO**

#### **Docentes e discentes indígenas**

Com esse trabalho pretende-se alcançar o maior quantitativo de discentes e pesquisadores indígenas no geral que busquem ter como referência trabalhos realizados por outros parentes no curso FIEI da UFMG.

O acesso a informações ricas vai auxiliar docentes com referênciação e embasamento na elaboração de planos de curso, planos de aula, projetos e roteiros de estudos.

#### **Estudantes indígenas**

Por se tratar de temáticas indígenas, esse trabalho também servirá como um acervo para os próprios estudantes indígenas em qualquer nível de graduação, de qualquer lugar do planeta, qualquer povo, que busquem embasar seus trabalhos, pesquisas e/ou projetos futuros em temáticas já antes abordadas e discutidas por parentes indígenas do mesmo povo ou, até mesmo, de povos diferentes.

### **1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

O restante deste trabalho se organiza da seguinte forma. O Capítulo 2 apresenta minha trajetória individual e coletiva para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso. O Capítulo 3 apresenta o Portal Tinguí com os detalhes de suas páginas, e importância para o público alvo. Por fim, no Capítulo 4 concluo este trabalho e aponto possíveis continuções do mesmo.

## **2. MINHA TRAJETÓRIA**

Neste capítulo trago um pouco da minha trajetória para o desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso, desde uma síntese sobre o FIEI até a apresentação da ferramenta elaborada e apresentada para atingir os objetivos do trabalho.

### **2.1 FIEI (Formação Intercultural para Educadores Indígenas)**

O FIEI é um curso da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais com quatro habilitações: Matemática; Ciências da Vida e Natureza; Ciências Sociais e Humanas; e Linguagens, Artes e Literatura. Atualmente o ingresso ao FIEI se dá por meio de um vestibular anual específico para indígenas aldeados de qualquer lugar do país.

Assim como toda conquista para os povos indígenas nunca foi dada “de graça”, o FIEI também foi uma das lutas travadas pelos povos e lideranças indígenas de Minas Gerais. Em 2005 o projeto da UFMG foi um dos selecionados pelo MEC para estar realizando a formação de licenciatura para os indígenas.

Em 29 de junho de 2005, é lançado, pelo Ministério da Educação, o PROLIND (edital n.5), que, com um financiamento de R\$500.000,00 cria a possibilidade de universidades públicas viabilizarem cursos específicos de licenciatura indígena. No primeiro edital, foram aprovados quatro projetos, entre eles, o da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). (LEITE, 2008, p. 5)

Esse projeto seguiu a mesma linha que os magistérios, sendo as aulas na universidade, trabalhando com pesquisas e auxiliando com a construção de materiais didáticos mais adequados para a realidade indígena.

#### **A experiência de uma docente do FIEI: processo de constituição do curso e trajetões**

Trago aqui algumas falas da entrevista no dia 8 de setembro de 2022, que fiz com uma das minhas grandes referências dentro do FIEI, a professora Shirley Miranda, docente na Faculdade de Educação, no Departamento de Administração Escolar, e ela entrou como professora nessa unidade em 2009, justo no período que o FIEI também começou uma nova fase, mas também trabalhou antes quando o

curso ainda era o PROLIND (Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas), período de 2006 à 2010 quando foi formada a primeira turma.

“E comecei em 2009 já na formação intercultural, que já era dentro do esquema da universidade, como REUNI. Bom, então, assim eu já tinha alguma experiência, mas iniciar no FIEI foi tudo muito diferente do que eu já conhecia, a gente tinha uma outra condição quando era projeto, muito diferente da que a gente teve quando começou.”

A professora Shirley falou sobre as dificuldades encontradas pela primeira turma do curso FIEI, tanto na área econômica, logística quanto na área social também, fatores esses que interferiam no desenvolvimento dos discentes direta e indiretamente. Mas essa foi a turma que abriu os caminhos para novas conquistas, sofreram para que as próximas seguintes lutassem e conquistassem melhores condições.

“...As primeiras questões na primeira turma, foi a dificuldade de ter recursos para dar sustentação para permanência dessa turma. Eu acho que é importante conversar com os estudantes também, porque eles que viveram isso na pele, mas eu lembro que foi muito difícil para eles. Chegaram em Belo Horizonte sem nenhum recurso, a gente não sabia ainda onde iam ficar, ficaram em mais de um lugar, cada dia ficava num lugar, e essa distância também com relação as comunidades, muita gente estava vindo a primeira vez para cidade, e eles se deslocavam de ônibus, “ônibus de carreira” como a gente fala, o ônibus comum, os coletivos que atendem a todo mundo. E a gente tinha notícias de (...) assalto dentro do ônibus, bom, não foi assalto, foi roubo, puxaram a carteira e tal, coisas desse tipo. As meninas ficavam com muito receio de assédio, então era tudo muito difícil.”

A primeira turma do FIEI teve mais dificuldades do que a turma do PROLIND, pois na mudança de Projeto para curso acarretou em algumas mudanças que a primeiro momento foi impactante. E foi quando começou a luta com os órgãos internos da UFMG, pela assistência e permanência dos estudantes indígenas.

“...A anterior, embora fosse muito mais, eram 120 estudantes, mas eles eram todo mundo um grupo só e todos tinham recurso, chegavam e saíam juntos. E não circulava muito nas instâncias da UFMG, quer dizer, a Pró-Reitoria não tinha muito com o que preocupar, porque já estava tudo dado, e essa foi a primeira turma que foi se dirigir assim a PROGRAD para resolver alguns problemas. Na época, nem tinha a PRAE, então era junto com a FUMP, para ter já algumas assistência.

As dificuldades no início da jornada do FIEI não pararam por aí, havia algumas dúvidas, receios e resistências por parte de alguns docentes em receber esse curso, entender a sua importância e a proposta intercultural, assim como aborda a professora:

“E mesmo na Universidade, aqui na faculdade, tinham muitas barreiras, tinham colegas professores que não queriam o curso, que achavam que não devia ter esse curso aqui porque ele (...) ia ser muito diferente e que a gente não tinha condições de receber esse público. A gente sabia que não tinha condições, mas que elas tinham que ser criadas. Se a gente fosse esperar criar as condições, talvez a gente estivesse até hoje sem ter o curso. E outra coisa que os professores também se preocupavam é da gente dar aula só nesse curso, não cobrir as outras turmas, deixar esse curso com turmas demais. E ainda tinha um terceiro problema entre os professores que era o fato do curso ser organizado por eixos e não por disciplinas. Então, eles achavam assim: “mas olha, como é que uma pessoa passa quatro anos se formando para dar aula de ciências, vai ter outra que passa quatro anos se formando e vai dar aula de química, física e matemática. Vai dar aula de todas as disciplinas?”. Então, tinha assim, uma incompreensão do que é uma educação intercultural, porque na verdade o que importa principalmente não são as disciplinas, mas sim a capacidade de lidar com os conhecimentos indígenas e não indígenas, fazer essa interlocução, é essa interlocução que é o que a gente chama de interculturalidade, que rompe com essa barreira das disciplinas. Mas, junto com essa incompreensão, vinha também uma certa “defesa” do seu lugar específico. [...] Então, a gente enfrentava esses problemas no começo, isso na primeira turma.”

Quando perguntei professora sobre as condições do FIEI nos dias atuais, ela fez uma reflexão sobre a presença indígena na UFMG, inclusive na Faculdade de Educação, que levam as pessoas sentirem os territórios por meio de seus representantes que ali estão como estudantes, e isso tem total participação nas conquistas na história desse curso. Shirley faz a recordação do evento da SBPC na universidade e quanto ele foi importante nessa trajetória de visibilidade da presença indígena dentro da UFMG, e a partir desse mérito o quanto fortaleceu para defender as demandas de permanência e assistência de cada estudante indígena.

Ao longo desses anos, a gente foi se firmando, a gente foi se firmando com aquilo que produzia. A gente teve o momento, por exemplo, quando teve a SBPC aqui na UFMG [...], esse foi um momento muito importante porque foi a primeira vez na SBPC que a gente teve uma SBPC indígena, isso nos fortaleceu dentro da Reitoria porque quando a SBPC aconteceu aqui a UFMG ficou muito em evidência, e essa evidência revelou a presença indígena e fortaleceu as demandas. Porque, olha, “se os indígenas estão aqui é necessário que a gente tenha políticas específicas”. Então, primeiro para dizer isso, que a gente mudou, foi mudando o reconhecimento dessa presença e isso tem implicações no que hoje a gente tem, e eu diria assim que hoje a gente já tem um consenso talvez, pelo menos na PRAE bastante sedimentada, mas eu acho que posso dizer na Reitoria como um todo de que os estudantes indígenas eles são minoria. E essa minoria significa que eles devem ter a prioridade porque se a gente perde um estudante indígena, a gente na verdade está perdendo, a gente pode estar perdendo uma aldeia inteira, às vezes é o único estudante da aldeia dele, do povo também, a gente já teve casos do tipo. E esse estudante que conseguiu chegar aqui, ele representa mais de duzentos mil, ele não está sozinho, se a gente for considerar quantos foram dizimados, se a gente for considerar todo o genocídio, se a gente for considerar tudo o que passou, essa pessoa que está aqui, ela representa tudo isso.

Hoje, os estudantes do FIEI gozam de várias conquistas obtidas ao longo do tempo em que a presença indígena se deu na UFMG, tanto nas questões de assistência e permanência, que são de extrema importância para manter o curso ativo quanto nas questões internas de ensino, regimes, editais, avaliação de

ingresso, entre outras. São inúmeras as conquistas, porém ainda não podemos nos acomodar, pois muitas pendências ainda estão por ser resolvidas e talvez mais turmas se formam sem ver esses resultados, como por exemplo, é o caso da moradia indígena.

“E uma coisa que eu vi Sr. Adalton falando, que para mim ficou muito forte é que “os indígenas são os primeiros da terra e os últimos a chegar na Universidade”. [...] Então, a assistência estudantil, a política de permanência, ela tem que considerar que esses estudantes são prioridades, a gente tem que ter muita atenção porque a gente não pode perder aluno nenhum, mas indígena menos ainda, porque se um fica pelo caminho é muita coisa que a gente perde. Quando a gente teve a instituição da bolsa permanência, que foi em 2012, isso trouxe um grande alívio, apesar de me lembrar direitinho do Kanatyto quando a gente deu a notícia dessa bolsa, falando que a gente estava colocando *Kayãbá* no meio dos índios, que isso não era dos índios, que isso era individual e que isso viraria, poderia virar um problema. De fato, como a bolsa é individual, eu acho que ela foge um pouco dessa tradição coletiva, [...] Pra mim, eu acho que o grande problema que a gente tem mesmo é a moradia estudantil. A gente não ter conseguido construir, durante esses 13 anos, essa perspectiva de ter a moradia indígena, eu acho isso um limite e acho que a Universidade ainda deve, deve porque a gente sabe que território é algo importante e a gente precisa territorializar essa presença, deve porque não para vocês virem para cá e ficar como a sua turma ficou o tempo todo, 4 anos em hotel, isso não é a condição mais adequada para estudar, e deve porque a nossa dívida histórica é essa, tem que ser restituída! [...] Se eu falar para você assim, o que é mais importante: a bolsa permanência ou a moradia? Eu vou responder “a moradia”, eu acho mais importante do que a bolsa permanência, porque se a gente tem o PNAES (Plano Nacional de Assistência Estudantil) mais forte e consegue fazer isso chegar aos indígenas a gente resolve essa parte, e tendo a moradia você não tem um custo muito alto, você sabe o quanto vocês pagam de hotel, você soma tudo isso, assim, é muito dinheiro. E é um recurso que é público indo pra iniciativa privada, que também não é bom, e a moradia nos daria outra condição. Então, acho que para permanência, a moradia é mais importante que a bolsa permanência.”

E esses foram trecho da entrevista/conversa com a professora Shirley Miranda, que mais que uma docente é uma indigenista guerreira que sempre lutou e deu o seu melhor para ajudar a garantir o melhor para os estudantes do FIEI.

## **2.2 QUEM É TINGUÍ PATAXÓ?**

Vindo de família simples e humilde pertencço a uma cultura indígena brasileira, da qual participo ativamente, honro e represento por meio da juventude. Sou fruto da união de Luzia Silva Matos, conhecida como Luzia Pataxó, e Sinivaldo Braz Ferreira, grande guerreiro e liderança de forte referência na comunidade. Tenho uma irmã de sangue, Luzenilda Matos Ferreira, conhecida como Nega, a qual sempre me acompanhou e ajudou nas atividades da escola na época do ensino fundamental, e um irmão emprestado, apelidado de Munhum, o responsável por tomar conta de mim quando minha mãe estava trabalhando e minha irmã ainda não tinha chegado do colégio, também era uma espécie de “irmão-babá”, pois era minha companhia nas brincadeiras quando não encontrava amigos de minha idade na rua em que cresci, porém um dos ensinamentos que mais contribuiu para o meu crescimento pessoal-tradicional foram os ensinamentos da língua Patxôhã em casa, sempre feitos de forma lúdica.

Sou da etnia Pataxó, minha aldeia é Coroa Vermelha, que por sua vez também é um bairro do município de Santa Cruz Cabralia – BA. Nosso território tem grande parte de seu conjunto em situação homologada, e subdividido em glebas. Por se tratar de uma localização próxima às cidades turísticas, as influências externas na sociedade são evidentes, tanto nas atividades econômicas da aldeia quanto nos aspectos sociais dos integrantes da mesma. Atualmente, uma grande parcela dos indígenas moradores da Aldeia Coroa Vermelha está empregada por redes hoteleiras, ou então por instituições vinculadas a elas, como exemplos os *resorts*, cabanas de praia, guias turísticos, entre outros. Um novo caminho para a preservação do pouco de mata que ainda se encontra nas limitações do território Coroa Vermelha é a prática do etnoturismo, prática iniciada na Reserva Pataxó da Jaqueira, que mais do que o olhar financeiro o buscou ter como foco principal a valorização das tradições do povo Pataxó e preservação da vegetação nativa da nossa região.

Somos considerados uma das aldeias mais urbanizadas do Brasil, nem por isso deixamos de cultivar nossa tradição e honrar nossos costumes de lutar pelos nossos ideais e sonhar com um futuro próspero para as seguintes gerações.

De origem Pataxó, com pai e mãe ativos na cultura, desde muito novo os acompanho nos awê<sup>2</sup>s e rituais internos na nossa comunidade, muitas das vezes eu nem entendia realmente o que estava acontecendo nem o significado de cada coisa, mas sempre gostei de observar tudo em minha volta e aprender com a prática.

Tenho recordações de estar dançando awê nas tardes de sábado, acompanhando a fileira dos Kakusú (homem no Patxôhã) bem no finalzinho, era onde ficavam os menores, ali estava eu com meu cocarzinho bem feitinho, meus adereços todos confeccionados pela minha mãe.

Meu pai é um homem de estatura média, forte, cujo nome indígena é Timbira, mas também conhecido como Sinivaldo, filho de Jonga. É um guerreiro com grande representação na comunidade e tem um trabalho prestado de muita importância na comunidade, também é conhecedor de técnicas na fabricação de diversos artesanatos e algumas práticas particulares da cultura. Sempre segui seu exemplo como guerreiro, como defensor da cultura e como liderança. Com ele aprendi costumes que hoje entendo que foi necessária essa vivência para que não simplesmente me identificasse como Pataxó, e sim me sentisse um verdadeiro Pataxó.

Minha mãe é uma mulher forte, linda, filha do pajé Itambé, seu nome indígena é Suturyana, porém é mais conhecida como Luzia Pataxó, foi figura essencial para o meu crescimento cultural porque eu sempre a vi com muito empenho, me carregava para as manifestações para eu presenciar desde pequeno a luta do nosso povo, não para me expor, pois quando a coisa ficava séria ela dava logo um jeito de me tirar do local para me proteger. Com ela aprendi todas as regalias da cultura, o que era socialmente bom e o que não era bom, o que levava o crescimento e fortalecimento da cultura e o que levava o enfraquecimento da mesma.

Desde pequeno que vejo meu povo enfrentando grandes batalhas, a maioria por questões de terras, apesar de já pegar uma época em que a aldeia sede Coroa

---

<sup>2</sup> Awê: Ritual indígena do Povo Pataxó

Vermelha já se encontrava demarcada. Acompanhei ainda a luta por algumas extensões como a Reserva da Jaqueira (na barriga da minha mãe), Aroeira, Nova Coroa, Juerana, Novos Guerreiros e Mirapé, essas foram as lutas das aldeias que eu presenciei desde a minha infância até os dias atuais.

Até os meus 13 anos a minha comunidade era mais rígida nas tradições originárias do povo Pataxó, como os Awê's semanais, a pesca comunitária, Festejos de Santo Reis, Embarreios das casas dos parentes, Jogos indígenas, Aragwaksã, Luais com reuniões comunitárias na presença dos anciãos com histórias e direções, essas foram atividades culturais que com o passar dos anos foram deixando de ser prioridades para o público geral quando o desenvolvimento entrou forte na aldeia e iam sendo esquecidas a cada passo que os nossos mais velhos que assim iam nos deixando.

O contato com a civilização não indígena se intensificou muito depois que o turismo teve um crescimento enorme. Além disso, com a economia alguns aspectos sociais também modificaram, os comércios aumentaram, deu início a venda e o consumo de drogas dentro da aldeia, violência e insegurança, a política partidária tomou conta da maior divisão existente na comunidade, interferindo nas relações entre integrantes e lideranças. São fatos que têm interferência até os dias atuais.

O cenário escolar que vivenciávamos naquela época era de conquistas iniciais, uma conquista de muitos anos, de muitas lideranças para que no território tivéssemos uma escola indígena, só que quando adquiri idade para entrar na escola, minha mãe optou por me colocar em escola particular, durante todo meu ensino básico só estudei um ano em escola pública (a antiga 2ª série do ensino fundamental I) e foi numa escola não-indígena. Eu sempre me deparei com vários questionamentos, a mim e a minha mãe, pois queria estudar com os colegas da aldeia, com os primos, enfim, pensava mais na parte lúdica, como toda criança. Tinha dias que era difícil lidar com preconceitos, ignorâncias, por parte de colegas que melhores condições financeiras, mas eu era muito tímido e não sabia me defender ainda com as palavras, foi então que por meio de um novo jeito descontraído de brincar e fazer amizades que essas diferenças ficaram congeladas por momentos.

Meu tio Zeca Pataxó, é um rapaz de muita influência na comunidade, tem uma comunicação grande com pessoas de alto escalão no cenário político local, e em uma oportunidade foi-lhe oferecida uma bolsa integral de estudos para uma criança na Escola Mundaí (Reconhecida como uma das melhores escolas do município de Porto Seguro e da região), na época suas filhas ainda não estavam na idade, então ele passou a bolsa para minha mãe, que sem hesitar aceitou e me levou para fazer uma prova na qual me aprovaria ou não a estar apto a estudar nessa instituição, e foi lá que passei a minha carreira escolar até o fim do ensino médio.

Desde então foi um divisor de águas na minha vida escolar, pois o impacto em minhas notas foi notável, desde as matérias que mais tinha afinidade, como matemática e ciências, como as que tinha menos afinidade, como geografia e história. Na segunda série tinha as melhores notas possíveis, quando mudei de escola, só ficava na média. Mas foi questão de tempo para me adaptar e no mesmo ano do ingresso já havia mudança boa ocorrendo.

Eu me destacava sempre na área de exatas, matemática era a matéria que mais me sentia à vontade para desenvolver, lá encontrei os professores bem capacitados com alta graduação na área, no ensino fundamental II foi onde me deparei com métodos eficazes e eficientes de aprendizado na área de matemática. Tive aula com uma professora de Matemática, Sinara, com uma paciência incomparável e com uma forma de tratar os alunos que se envolviam muito na área. Mas o mais marcante de todos os anos foi no ensino médio, com o professor de matemática e física Anderson Said, formado em matemática na UFMG, pessoa muito descontraída, extremamente organizada e sua dinâmica nas aulas era ter a mesma linguagem que os alunos, descontração com piadas, enfim, jeito único de ensinar na sala de aula. Foi a época que mais aprendi, que mais gravei as fórmulas e mais entendi os conceitos dos matemáticos.

Fora do ambiente escolar também tive uma contribuição nos conhecimentos adquiridos, principalmente pelos meus pais que além de amigos foram grandes orientadores sociais na minha vida, junto com meus avós paternos e maternos. Mas o grande destaque dos meus conhecimentos educacionais fora do ambiente escolar se deu ao meu irmão emprestado Munhum, quem me ensinou o básico do básico na

língua típica Pataxó (O Patxôhã), ele sempre teve muita facilidade em gravar e aprender textos e palavras, e fazia isso frequentemente em diversas áreas, como na religiosa em que gravava inúmeros trechos da bíblia. Ensinou-me desde palavras soltas até frases e expressões mais utilizadas no cotidiano, assim mesmo estudando em escola particular não indígena, ainda tive o aprendizado da língua tradicional do meu povo.

Muitas pessoas, tanto da minha faixa etária quanto alguns adultos me achavam “metido” porque estudava em escola particular, e até eu mesmo já me senti muitas vezes envergonhado de participar de rodas de conversa e até encontros de jovens por causa desses pensamentos dos outros, mas por outro lado nunca me senti menos índio que ninguém, mesmo sabendo que meu objetivo sempre foi estudar para ter uma profissão boa e dar retorno a minha comunidade. O que me deixava mais tranquilo psicologicamente era lembrar que eu tinha ensinamento em casa da própria língua e sabia participar das danças porque havia aprendido desde o berço, na minha mente quando criança era o que determinava a sua auto-afirmação e sentimento de pertencimento étnico.

Aprendi a utilizar a contagem e combinação de elementos na fabricação de colares de semente e de brincos de miçanga, via meus pais e meus irmãos fazendo, também queria fazer os meus para ganhar algum dinheiro. Esse era o pensamento econômico das crianças indígenas que tinham também a cultura como referência. Esses artesanatos eram os mais comuns na comunidade e que nunca saem de moda.

A matemática mais utilizada desde os mais velhos até as criancinhas era a financeira, pois Coroa Vermelha se trata de um local turístico e a população local tem como uma das maiores atividades econômicas a fabricação e a venda de artesanatos típicos. Se pegasse uma criança e fizesse uma pergunta sobre as operações matemáticas ela nem saberia em que língua estaria falando, mas se perguntasse o preço do colar que ela vendia certamente iria falar que era um real, e seis colares por cinco reais. Sem falar que poderia dar qualquer quantia que saberia o valor certo de dar o troco.

A língua utilizada na comunidade de Coroa Vermelha é o português, e como o resgate do Patxôhã tem sido um trabalho intenso e lento, na minha infância a

fluência na escrita e na fala era dada por pouquíssimas pessoas, dava para contar nos dedos das mãos os professores da língua, e uma das pessoas que teve esse mérito foi o meu irmão, Munhum. O Patxôhã era mais falado na escola, em rituais e em eventos como casamentos e palestras. Hoje a prática está sendo muito valorizada pelos professores, alunos e lideranças em geral.

E foi graças a essa trajetória que hoje gozo de méritos como fazer parte dos estudantes da turma de Matemática do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na UFMG no período de 2018-2022, e nesse mesmo período fui chamado para dar aula de Matemática, Física e Patxôhã no Colégio da minha aldeia, uma honra imensa para mim e sou grato a todos que contribuíram para meu crescimento como pessoa e integrante ativo do povo Pataxó.

### 3. O PORTAL TINGUÍ

O nome do site é *Portal Tinguí*. *Tinguí* foi o nome indígena dado a mim pelos meus pais quando nasci. Em primeiro instante pensei em outras nomenclaturas para o site, por exemplo, o nome do meu avô Itambé, que é um pajé conceituado e conhecido por seu trabalho e sua trajetória, pensei também nos meus pais, no meu outro avô, o Jonga, no nome do povo, só que pensava simultaneamente que em momento algum eu conseguia contemplar todas as homenagens em um trabalho só. Foi então que pensei: quem sou eu? Por que estou fazendo esse trabalho? Será um anseio somente meu ou coletivo?

O nome é dado pelos mais velhos, sejam os pais, avós, tios, pajés, parteiras, curandeiros, entre outros; sempre vem acompanhado de significados. Em sua maioria são de animais, sementes, árvores, elementos que já tem uma história entrelaçada com a família, com aquela criança, ou pode ser uma previsão tida por meio de sonhos, visões, entre outros avisos.

Ao fazer várias auto-análises cheguei à conclusão de que o nome indígena que recebemos de nossos responsáveis não é algo à toa. Em algum momento da minha vida aquilo fará um sentido total da minha existência ou em vários momentos terei demonstrações de que aquele nome tem total influência em minha forma de lidar com as situações da vida.

E assim tem sido, *Tinguí* é o nome de uma pequena semente muito utilizada pelo povo Pataxó, em formato semelhante ao desenho de um coração e hoje é uma raridade de se encontrar (Na Figura 1 é mostrada um exemplo desta semente). Já houve vezes em que cheguei a pensar que o nome seria pura coincidência, mas, cresci e aprendi com toda a trajetória de luta e conhecimento tradicional que nessa vida nada é por acaso e tudo tem um sentido.

**Figura 1.** Foto da semente Tinguí com seu formato semelhante ao desenho de um coração.



**Fonte:** Acervo pessoal.

### **3.1 O CAMINHO PERCORRIDO: METODOLOGIA**

Como mencionado, uma das maiores dificuldades para os pesquisadores indígenas, é encontrar sites que armazenam ou direcionam a trabalhos feitos por indígenas de forma simples, dinâmica e confiável.

A minha sugestão para sanar essas dificuldades que há entre a informação e os pesquisadores foi a criação de uma ferramenta, fosse ela um site, ou outra plataforma que tivesse armazenados os trabalhos apresentados pelos estudantes do FIEI, de forma mais simplificada para acesso a todos os pesquisadores.

A plataforma que escolhemos criar foi um site para arquivar todos os trabalhos de percurso elaborados pelos pesquisadores indígenas que se formaram

no curso FIEI entre 2009 e 2021, retirados do site da biblioteca<sup>3</sup> da Faculdade de Educação da UFMG, mas apresentados de maneira simples e dinâmica.

Para realização desse projeto foram necessárias várias reuniões de planejamento com a professora orientadora. Como passamos por um longo período de pandemia e também não fomos durante um bom tempo a Minas Gerais, todas as nossas reuniões foram remotas por meio do aplicativo *Google Meet*.

Tive orientações da professora Virgínia e dos estagiários por meio do aplicativo de conversas instantâneas *WhatsApp*, onde tínhamos um grupo específico de discussão de assuntos referentes ao portal, lá foram compartilhadas e registradas todas as informações sobre o andamento do projeto.

Para a construção da ferramenta contamos com auxílio de dois estagiários do Curso de Desenvolvimento de Sistemas do Colégio Técnico da UFMG, o Henrique Fernandes de Castro Melo e o Pedro Henrique Chaves Dias, que foram primordiais para codificação e execução do portal, e tiveram como retribuição toda a experiência de execução desse portal e uma certificação para ajudar em seus cursos. Mas deixei claro para eles que estão dando a sua contribuição para a luta educacional dos povos indígenas, porque uma atuação dessas certamente irá contribuir para muitos outros projetos que virão.

No dia 29 de outubro de 2021, o estagiário Henrique me mandou uma sugestão de organização do nosso portal, do qual fiquei maravilhado e satisfez muito o meu pensamento como idealizador do projeto.

Em uma reunião pelo aplicativo *Google Meet*<sup>4</sup> Henrique me mostrou todos os passos e comandos para editar e organizar internamente o site. Logo em seguida, fui adicionando os percursos e organizando-os no site, o que gerou em mim um sentimento sensacional, um poder de gerenciamento de informações que estava em minhas mãos naquele momento. E foi o combustível para a nossa ferramenta funcionar.

Para chegar à finalização do portal e sua testagem foi um longo trajeto de encontros e desencontros. Algumas ideias iniciais foram abolidas para que outras fossem priorizadas e fizesse valer a essência do projeto.

---

<sup>3</sup> Do site: <https://www.fae.ufmg.br/biblioteca/recursos-online/monografias-do-fiei/>

<sup>4</sup> <http://meet.google.com>

Para sintetizar e resumir toda a trajetória do percurso a seguir listamos e organizamos em uma tabela as ações que desenvolvemos desde início até o fim da caminhada:

**Tabela 1.** Roteiro e cronograma de atividades.

<b>DIA</b>	<b>ATIVIDADE</b>
2018	Despertar pela causa e procura de um tema
2019	Fomos informados sobre os orientadores
2019	Primeiro contato com a orientadora Prof <sup>a</sup> . Virgínia
2020	Análises de modelos de portais virtuais
19/05/2020	Envio de alguns modelos de cursos para construção do portal
27/05/2020	Listagem I dos requisitos do site
28/05/2020	Ideia da professora Virgínia de fazer um protótipo pelo <i>Google Sites</i>
29/05/2020	Início da produção experimental no <i>Google Sites</i>
19/06/2020	Contato de monitoramento com a professora orientadora
10/12/2020	Retorno às atividades com o <i>Google sites</i> e criação de um documento no drive para organização
05/01/2021	Inserção de novos itens no documento por parte da professora
06/01/2021	Apresentação de links de produtores de site: <i>Hostinger</i> e <i>Wix</i>
19/01/2021	Acompanhamento no uso experimental do <i>Wix</i>
27/01/2021	Contato de monitoramento com a professora orientadora
06/03/2021	A proposta de apresentação dos avanços dos percursos para a turma
16/03/2021	Contato de monitoramento com a professora orientadora
22 e 23/03/2021	Preparação do slide para apresentação dos avanços do percurso
23/03/2021	Apresentação dos avanços do percurso para a turma e professores
25/05/2021	Retorno às atividades com o site
26/05/2021	Envio de uma proposta de cronograma de atividades para o andamento dos trabalhos
28/05/2021	Proposta de cronograma lido e aceito
10/06/2021	Reunião online pelo <i>Google Meet</i> e montagem do cronograma de trabalho do semestre
14/06/2021	Contato de monitoramento com a professora orientadora

07/09/2021	Retorno às atividades com o site
28/09/2021	Confirmação de uma ajuda no acompanhamento do trabalho por um estudante Técnico em Desenvolvimento de Sistemas da Coltec, o Henrique Melo.
30/09/2021	Reunião online com a Orientadora
06/10/2021	Primeira conversa com Henrique sobre os objetivos do trabalho
29/10/2021	Apresentação de um modelo elaborado pelo Henrique a partir dos requisitos do portal.
10/02/2022	Apresentação do andamento do percurso para as professoras coordenadoras do curso
04/03/2022	Conversa de alinhamento sobre os trabalhos pelo grupo no WhatsApp
18/03/2022	Foi lançado ao ar e tivemos o primeiro contato com o site para teste
21 a 27/06/2022	Pesquisa realizada por meio de formulário com estudantes do FIEI
12/07/2022	Finalização da deposição dos trabalhos com imagem no site
12/09/2022	Encontro presencial com orientadora Virgínia para revisão e orientações para os últimos ajustes no TCC
14/10/2022	Apresentação do TCC

Fonte: Elaboração própria.

### **3.1.1 FORMULÁRIO DE CONSULTA AOS ESTUDANTES**

Antes de soltar o link e o *Qr Code* do site para rodar, era necessário que fizéssemos uma pesquisa de consulta com os estudantes quanto às dificuldades encontradas para acessar as pesquisas desenvolvidas por indígenas que passaram pelo curso FIEI.

O formulário de diagnóstico foi preenchido por 41 pessoas as quais responderam às seguintes perguntas:

**1- Já teve a necessidade de pesquisar sobre trabalhos com autores indígenas?**

**2- Já pesquisou sobre Trabalhos realizados por indígenas no curso FIEI -FaE - UFMG?**

**3- Quais dificuldades encontradas ao pesquisar percursos do FIEI?**

Agora vamos exibir as perguntas com os gráficos e porcentagens das respectivas respostas. A Figura 2 mostra o gráfico referente à pergunta 1, a Figura 3 o gráfico da pergunta 2 e a Figura 4 o gráfico da pergunta 3.

**Figura 2.** Gráfico referente à pergunta 1 do formulário: Já teve a necessidade de pesquisar sobre trabalhos com autores indígenas?

Já teve a necessidade de pesquisar sobre trabalhos com autores indígenas?

41 respostas



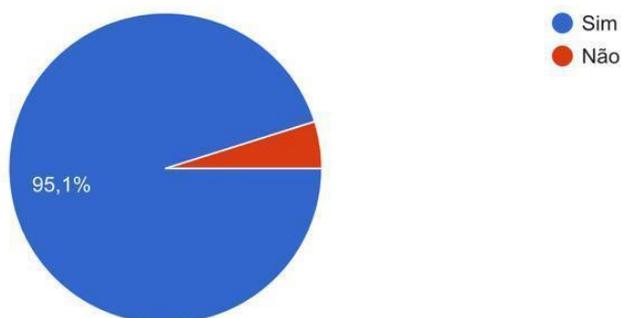
**Fonte:** Formulário do Google produzido pelo próprio autor, disponível em <https://forms.gle/sAPaQSuHBmMQX3UU6> em 27 de julho de 2022.

Nessa primeira questão fica evidente que todos os entrevistados já tiveram que pesquisar em algum momento sobre trabalhos de indígenas, sem especificidade de área e de instituição.

**Figura 3.** Gráfico referente à pergunta 2 do formulário: Já pesquisou sobre trabalhos realizados por indígenas no curso FIEI-FAE-UFMG?

Já pesquisou sobre Trabalhos realizados por indígenas no curso FIEI -FaE - UFMG?

41 respostas



Fonte: Formulário do Google produzido pelo próprio autor, disponível em <https://forms.gle/sAPaQSuHBmMQX3UU6>, em 27 de julho de 2022.

Dos entrevistados, uma parcela mínima não pesquisou sobre trabalhos realizados por estudantes do FIEI sendo apenas 2 pessoas, o que aproxima-se de 4,9% dos entrevistados.

**Figura 4.** Gráfico referente a pergunta 3 do formulário: Quais dificuldades encontradas ao pesquisar percursos do FIEI?



Fonte: Formulário do Google produzido pelo próprio autor, disponível em <https://forms.gle/sAPaQSuHBmMQX3UU6>, em 27 de julho de 2022.

Para essa última questão a resposta era em forma de múltipla-escolha para quem se achasse contemplado(a) por mais de uma alternativa, e obtivemos as seguintes percentagens das respostas.

Como podemos analisar no gráfico da Figura 4, 26,8% dos entrevistados não encontraram dificuldades para encontrar trabalhos realizados no FIEI, o que nos indica que há o conhecimento e utilização da biblioteca online da FaE por essas pessoas.

O valor mais expressivo dessa pesquisa foi o de pessoas que responderam que é notável **“A falta de portais/sites conhecidos e/ou fáceis de manusear”** para realizar as pesquisas de trabalhos de estudantes do FIEI, que compõem 39% das respostas dos entrevistados.

Fica bem evidente nos dados fornecidos pelo formulário que todas as pessoas que estão estudando em um curso intercultural voltado para indígenas em algum momento terão que pesquisar sobre trabalhos realizados por outros indígenas, e uma parcela considerável das pessoas que já pesquisaram sobre trabalhos de

indígenas no FIEI, conheceram a plataforma da biblioteca da FaE e fizeram um bom uso dela, mas uma outra parcela um pouco maior deixa claro que ainda faz falta sites e portais mais fáceis de manusear, que contenham os trabalhos realizados no FIEI de forma mais organizada e simples.

## 3.2 DESENVOLVIMENTO

Nessa seção abordaremos sobre o site, desde as tecnologias utilizadas até a apresentação da sua aparência.

### 3.2.1 TECNOLOGIAS UTILIZADAS

Todo desenvolvimento do nosso *Portal Tinguí* foi elaborado pelos estagiários do Colégio Técnico da UFMG, Henrique Fernandes de Castro Melo e Pedro Henrique Chaves Dias. As principais tecnologias utilizadas foram:

- Laravel (Framework PHP)<sup>5</sup>
- Vue 3 (Framework Javascript)<sup>6</sup>
- Tailwind (Framework CSS)<sup>7</sup>
- Nodejs (Gerenciamento de bibliotecas Javascript)<sup>8</sup>
- Inertia (Adaptador entre *vue-router* e *laravel-router*)<sup>9</sup>
- Jetstream (Starter kit com autenticação e gerenciamento de usuários, permissões)<sup>10</sup>
- Spatie Activity Log + Health + Backup (Kit de geração de logs e de backup/monitoramento)<sup>11</sup>

O banco de dados utilizado foi o MySQL tanto no ambiente de produção quanto no ambiente local. Todas as escolhas de tecnologias aconteceram em conjunto baseadas na experiência do time de desenvolvimento.

### 3.2.2 DESIGN E LAYOUT

*Design* e *Layout* se referem aos seguintes aspectos do projeto:

- Escolha de cores, de fontes;

---

<sup>5</sup> <https://laravel.com/>

<sup>6</sup> <https://vuejs.org/>

<sup>7</sup> <https://tailwindcss.com/>

<sup>8</sup> <https://nodejs.org/en/>

<sup>9</sup> <https://inertiajs.com/>

<sup>10</sup> <https://jetstream.laravel.com/>

<sup>11</sup> <https://spatie.be/docs>

- Suporte a tema escuro e responsividade para diferentes telas;
- Componentização de componentes simples como botões, links, etc.
- Disposição geral de todas as páginas.

Todas estas características foram discutidas entre a equipe de desenvolvimento e eu. A escolha das cores foi bastante importante pois o vermelho traz um grande significado para o meu povo Pataxó, é essencial nas nossas lutas e chama muito a atenção, então não poderia escolher outra cor.

### 3.2.3 PÁGINAS DO PORTAL

O portal Tinguí é uma plataforma simples de mexer justamente para facilitar o trabalho dos pesquisadores. O link que dá acesso ao nosso portal é <https://portalingui.com.br>, e ao sermos direcionados ao portal encontraremos esses tópicos:

1. *Taputá Tometô* significa “Seja Bem-Vindos(as)” na língua do povo Pataxó, o Patxôhã. É nessa parte que fazemos o acolhimento de todo o público-alvo (Figura 5).

**Figura 5.** Início do site com foco na saudação Taputá Tometô que significa “Seja Bem-Vindos(as)” na língua do povo Pataxó, o Patxôhã.



**Fonte:** Imagem capturada Portal Tinguí, disponível em <https://portalingui.com.br>, acessado 16 de setembro de 2022.

2. *Saiba mais* ou *Sobre* é a parte onde falamos um pouco sobre o portal, o motivo de existir e os seus objetivos (Figura 6).

**Figura 6.** Início do site com foco no Sobre e Saiba Mais.



**Fonte:** Imagem capturada Portal Tinguí, disponível em <https://portaltinguí.com.br>, acessado 16 de setembro de 2022.

3. Essa é a nossa *Barra de Pesquisa*, onde o pesquisador pode colocar uma ou mais palavras chaves para encontrar as pesquisas mais adequadas a sua procura (Figura 7).

**Figura 7.** Início do site com foco na Barra de Pesquisa.



**Fonte:** Imagem capturada do Portal Tinguí, disponível em <https://portaltinguí.com.br>, acessado 16 de setembro de 2022.

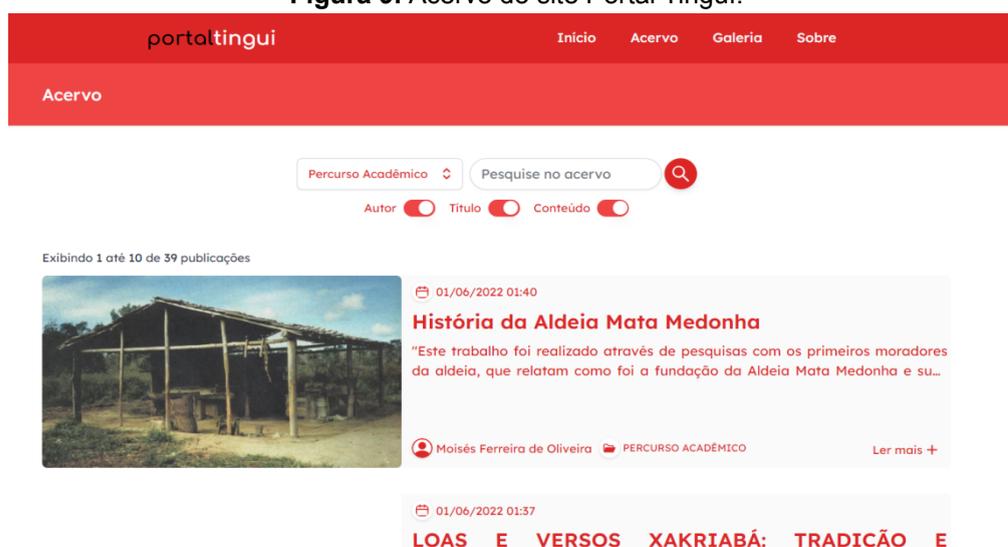
4. Acervo: exhibe todos os documentos/publicações que estão em ordem de documentos adicionados recentemente. Temos aqui o nosso *Acervo*, onde ficam armazenados todos os percursos presentes no site, para uma pesquisa mais subjetiva (Figuras 8 e 9).

**Figura 8.** Início do site com foco no Acervo.



**Fonte:** Imagem capturada Portal Tinguí, disponível em <https://portaltinguí.com.br>, acessado 16 de setembro de 2022.

**Figura 9.** Acervo do site Portal Tinguí.



**Fonte:** Imagem capturada Portal Tinguí, disponível em <https://portaltinguí.com.br>, acessado 16 de setembro de 2022.

5. Na parte inferior da nossa página aparece esse espaço aqui para quem gostou do nosso portal se inscrever com o seu e-mail e receber as novidades do nosso site na íntegra (Figura 10).

**Figura 10.** Imagem do espaço para inscrição no site. Esta inscrição serve para o usuário receber as novidades do site.



**Fonte:** Imagem capturada portaltinguí, disponível em <https://portaltinguí.com.br>, acessado 16 de setembro de 2022.

Conheça nosso site de maneira bem simples e fácil, abra a câmera do seu celular e aponte para o *Qr Code* abaixo que será direcionado para o nosso site.



ou

<https://portalingui.com.br>

Um resumo das páginas do site implementadas é:

- Início: exibe as publicações recentes, alguns destaques e os banners.
- Acervo: exibe todos os documentos/publicações que estão em ordem de documentos adicionados recentemente.
- Destaques: exibe todos os documentos/publicações marcadas como destaque.
- Galeria: exibe a galeria de imagens/vídeos.
- Sobre: exibe a página sobre.
- Publicação: página que exibe um documento específico.
- Painel Administrador: página com todos os CRUD<sup>12</sup>, incluindo logs e controle de membros/perfil.

Como a aplicação foi feita pra ser hospedada em *shared host*<sup>13</sup> e para pessoas que forem gerir as publicações do site não precisarem de familiaridade com sistemas como *wordpress*<sup>14</sup>, os estagiários tiveram que implementar nosso próprio sistema simples de controle built-in de dados, publicações, imagens, etc.

---

<sup>12</sup> CRUD (acrônimo do inglês Create, Read, Update and Delete) são as quatro operações básicas (criação, consulta, atualização e destruição de dados) utilizadas em bases de dados relacionais.

<sup>13</sup> As hospedagens compartilhadas ou shared hosts são os servidores onde são hospedados sites ou aplicações web.

<sup>14</sup> <https://br.wordpress.org/>

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho foi fruto de muito esforço tanto meu quanto das outras pessoas envolvidas que contribuíram para atingir os objetivos gerais e específicos desta pesquisa.

Esse trabalho foi terminado com êxito, estando apto a ajudar muitos pesquisadores indígenas e não indígenas na busca por diversos assuntos abordados por pesquisadores de povos originários indígenas, e ainda contribuirá para professores e alunos em escolas indígenas ao realizar atividades de pesquisa. A minha satisfação será ver tantos trabalhos riquíssimos recebendo seus devidos reconhecimentos e valores por parentes e amigos indigenistas.

E essa conquista não é só minha, e sim mais um avanço e uma nova janela para todos os povos indígenas.

Deixo aqui também a abertura para outros estudantes darem continuidade nessa linha de trabalho, ampliando o site para abranger trabalhos de outros anos posteriores, de outros programas específicos para indígenas, e até mesmo quem sabe de outras universidades.

## 5. REFERÊNCIAS

Biblioteca da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de onde foram retirados os percursos realizados por estudantes do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas. Disponível em <https://www.fae.ufmg.br/biblioteca/recursos-online/monografias-do-fiei/>

CASTRO, Paula e CAIRES, Luanne. Encontros e desencontros: como os conhecimentos indígena e tradicional interagem com o meio universitário. **ComCiência Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 10 de novembro de 2017. Disponível em:

<https://www.comciencia.br/encontros-e-desencontros-como-os-conhecimentos-indigena-e-tradicional-interagem-com-o-meio-universitario-2/>

LEITE, Lucia Helena Alvarez. **Universidade Pública, cidadania e movimentos sociais: a experiência do FIEI - Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas de Minas Gerais**. Memórias do 31 ANPED, GT-03: Movimentos Sociais e Educação. UFMG. Disponível em <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT03-4117--Int.pdf>

Link do formulário do *Google* para pesquisa de opinião dos entrevistados disponível em <https://forms.gle/sAPaQSuHBmMQX3UU6>

LOUREIRO, Raimunda, PESSOA, Adriana e BRITO, Ilza. **Compartilhando saberes: Construindo conhecimento da cultura indígena**. *In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Científica*, n° 69, 2017, Belo Horizonte.